

LÍNGUAS SEMÍTICAS NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Reginaldo Gomes de Araújo**

Resumo: Este artigo propõe-se a apresentar as línguas semíticas que são ensinadas na Universidade de São Paulo. Começando pelo panorama histórico, nós apresentaremos o momento em que as línguas semíticas iniciaram na USP. Depois, apresentaremos uma concisa introdução do que são línguas semíticas e suas respectivas classificações. Finalmente, descreveremos quais línguas semíticas e seus respectivos níveis são ensinados na USP.

Palavras-chave: Línguas semíticas, árabe, hebraico, aramaico.

Abstract: The purpose of this article is to present the Semitic languages taught in the University of São Paulo. Starting from a historical panorama, we will present the momentum in which the Semitic languages started in the USP. Afterwards we will present a concise introduction of what are Semitic languages and their respective classifications. Finally, we describe which languages and in which levels they are offered in the USP.

Key words: Semitic languages, Arabic, Hebrew, Aramaic.

Panorama histórico

A Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH – da Universidade de São Paulo oferece, praticamente, desde a sua criação cursos de algumas línguas semíticas, a saber, de árabe, aramaico e hebraico. A língua árabe e a língua hebraica foram ensinadas nesta universidade primeiramente como “cursos livres”, como hoje é o curso de aramaico. Estas duas línguas se firmaram no decorrer do tempo e hoje fazem parte do programa de graduação e pós-graduação dos cursos de línguas oferecidos pela FFLCH. O curso de língua árabe existe na Universidade de São Paulo, em caráter oficial, desde 1963. Entretanto, teve início como curso livre em 1944, inicialmente estimulado pelo Centro Brasileiro de Cultura Árabe, criado pouco tempo antes.

*Professor Doutor da Área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas, Departamento de Línguas Orientais, Universidade de São Paulo.

A instalação do curso de árabe deu-se por iniciativa de membros expressivos da esfera intelectual da colônia sírio-libanesa e com integral apoio do reitor da Universidade de São Paulo, na época, o Prof. Dr. Jorge Americano, e de professores conceituados da FFLC (hoje FFLCH), dentre os quais podemos destacar o prof. Francisco da Silveira Bueno. O primeiro professor responsável pelo curso foi o prof. Taufik Kurban, titulado pela Universidade Americana de Beirute, Líbano. A seguir, assumiu o curso o prof. Jamil Sáfady, igualmente formado para o ensino do idioma e literatura árabes, permanecendo no cargo até fins da década de 50. Todavia, as atividades do Curso de Língua e Literatura Árabe iniciaram em 1963, na então FFLC, o professor Helmi Mohamed Ibrahim Nasr, que viera do Egito em 1962, como professor visitante. A partir de 1967, o curso de árabe passou a pertencer ao conjunto de Letras Orientais, oferecendo as disciplinas de língua árabe, literatura árabe e cultura árabe. Desde 1993 o curso de Língua Árabe passou a ter também um programa de pós-graduação, em nível de mestrado.

A língua hebraica, como a língua árabe, existe como curso livre desde 1947, quando o Rabino prof. Fritz Pinkuss foi convidado para ministrar aulas nesta área. Em 1962 foi criado o Curso de graduação em Hebraico, na Área de Estudos Orientais, sendo mais tarde transferido para o Departamento de Lingüística e Línguas Orientais, hoje Departamento de Línguas Orientais da FFLCH. A partir de 1966 o curso passou a ter a colaboração da Profa. Rifka Berezin que assumiu a chefia após a aposentadoria do Prof. Pinkuss em 1975. Em 1983 foi criado o Curso de Especialização em Hebraico, em nível de pós-graduação, com duração de quatro semestres, tendo com o objetivo o aperfeiçoamento de bacharelados e futuros candidatos para a área de pesquisa e de pós-graduação. A língua hebraica passou a ter programa de pós-graduação em 1989, em nível de mestrado. Hoje o programa de Hebraico oferece, além da graduação, programa de mestrado e doutorado e nos últimos anos, a saber, desde 2001, também conta com a presença de pós-doutorandos.

A partir de 2002, com a presença do recém-doutor Reginaldo Gomes de Araújo, a Universidade de São Paulo passou a oferecer também, como extensão universitária, mais um idioma da família das línguas semíticas: o Aramaico. Este curso tem sido ministrado semestralmente, possibilitando aos alunos dos programas de árabe e hebraico conhecerem mais uma língua semítica que contribui para aprofundar transformações lingüísticas ocorridas no árabe e no hebraico no decorrer do tempo. Desde então, têm sido oferecidos cursos de aramaico nos dialetos bíblicos e targúmicos. Estas são as línguas semíticas ensinadas na USP. Que são línguas semíticas? Que relação há entre elas? Estas e outras questões serão respondidas nos parágrafos seguintes.

Depois deste panorama histórico da presença de línguas semíticas no curso de Letras da USP, podemos, agora, apresentar uma breve introdução às línguas semíticas e em seguida indicar, de forma breve, como estes idiomas são ensinados na USP, mostrando sua origem, sua classificação e a relação existente entre eles. A ordem aqui apresentada está baseada somente na ordem alfabética e não na contribuição e importância lingüística de cada um deles no âmbito das línguas semíticas. Interessante é que as línguas semíticas estudadas na USP apresentam ramificações diferentes, isto é, o árabe representa o Sul-Occidental, o hebraico e aramaico o Norte-Occidental, o hebraico é da família cananéia e o aramaico da família araméia. Todas semíticas, mas com ramificações diferentes. Seja por acaso ou não, este fato possibilita aos estudantes de línguas orientais conhecer três grandes grupos de línguas semíticas. Além disto, eles terão possibilidades, em um futuro breve, de conhecer também línguas semíticas do grupo norte-oriental como o acádio e seus dialetos.

Línguas Semíticas ¹

Comumente são chamados de línguas semíticas os idiomas falados no Oriente Médio e na África do Norte. Todavia, o adjetivo “semítico” usado quanto ao estudo desses idiomas parece não ser o termo correto, pois ele é derivado da palavra Sem, nome de um dos filhos de Noé (Gênesis 5:32). As línguas semíticas são a família mais ao nordeste das línguas Afro-asiáticas², formalmente conhecidas como camito-semítico.

As línguas semíticas mais comuns hoje são: o árabe, termo que se refere de fato a duas tipologias coexistentes e que se complementam: uma língua escrita, oficial em todos os países de idioma árabe (Arabofonia), chamada de árabe clássico, e uma série de dialetos, marcados por características de uma região, presentes em todo o mundo árabe. Tal situação particular de duplicidade lingüística, que vê os arabófonos passar à segunda das situações, de uma variedade “alta” (clássica) para uma “baixa” (dialeto), é conhecida como diglossia³. O amárico, língua oficial

1. Esta introdução retoma, em parte, o meu artigo “Línguas semíticas: uma introdução”, publicado em *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica* 5 (2006), p. 107-122.

2. Normalmente a família das línguas afro-asiáticas é composta por seis ramificações: semítico, egípcio, berbere, cuchítico, omótico e chádico. Para detalhes cf. J. HUEHNERGARD, “Languages (Introductory)”, em DAVID N. FREEDMAN, *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 4, Nova York/Toronto, Doubleday, p. 155s; D. COHEN, *Les Langues chamito-semitiques*, Pt.III de *Les langues dans le monde ancien et moderne*, Paris, Ed. J. Perrot, 1988.

3. Termo proposto pelo arabista francês W. MARÇAIS, que mira a contrapor-se ao bilingüismo, que assiste à convivência de duas línguas diversas e não, como no caso do mundo árabe (e assim também da Suíça

da Etiópia, com cerca de 16 milhões de falantes⁴, que possui uma escrita própria e uma tradição literária, cujos primeiros exórdios se situam no séc. XV da E.C. O *tigrínio*, língua oficial da Eritreia, país independente desde 1992, falada por aproximadamente três milhões e meio de pessoas, escrita com o mesmo alfabeto etíope que recorre ao amárico. O **hebraico**, língua oficial de Israel – proclamado em 1947 – e língua nacional do Estado de Israel, junto com o árabe, é a primeira língua de mais de dois milhões de israelenses. O hebraico tem sido também, por mais de dois milênios, a língua da religião judaica, sendo difundida como língua cultural de aproximadamente 14 milhões de judeus no mundo.

As línguas semíticas apresentam uma formação comum quanto à morfologia, lexicografia e sintaxe, sendo que a característica que mais aproxima estes idiomas é a construção de morfemas trilíteros (três consoantes), sobretudo nos verbos.

A classificação das línguas semíticas é ainda hoje objeto de discussão. A este respeito encontramos dois tipos de classificação: a primeira hipótese, a qual é tida como tradicional, está baseada principalmente em dados geográficos e importâncias culturais das diferentes línguas semíticas. Nesta classificação as línguas semíticas ocupavam as regiões da Ásia Ocidental, do oriente para o ocidente: Mesopotâmia, Síria-Palestina, Arábia. O agrupamento dessas línguas está usualmente baseado em sua distribuição geográfica: Semítico Norte-Oriental (Mesopotâmia), Semítico Norte-Occidental (Síria-Palestina) e Semítico Sul-Occidental (Arábia e Etiópia). A segunda hipótese, primeiramente proposta por R. HETZRON⁵, enfatiza as inovações morfológicas e fonológicas. Aqui, além da classificação geográfica, procurou-se classificar estas línguas levando em consideração elementos lingüísticos que aproximavam e, às vezes, distanciavam umas das outras.

O semítico Norte-Oriental é representado pelo **acádico**, falado na Mesopotâmia na era pré-cristã. Este idioma, que predominava na civilização desta região e possivelmente substituiu o sumério, língua não semítica, deriva o seu nome da cidade de Acad, capital do império de Sargão, o Grande (2350 – 2290 A.E.C.). Os principais períodos do acádico foram: O acádico antigo, aproximadamente datado entre 2500 e 2000 A.E.C., e depois de 2000 A.E.C os principais dialetos atestados são o babilônico e o assírio. O **babilônico** é o dialeto do sul da região e

alemã, dos Territórios Franceses do Ultramar, e depois de 1976, da Grécia contemporânea), duas variedades da mesmíssima língua.

4. Dados segundo o *Metzler Lexikon Sprache*, editado por H. GLÜCK, Stuttgart, J.B. Metzler, 1993, p. 35.

5. R. HETZRON, “La division des langues sémitiques”, em A. CAQUOT e D. COHEN, *Actes du première Congrès international de linguistique sémitique et chamito-sémitique, Paris 16 – 19 juillet de 1969*, The Hague, 1974, p. 181-194; ID., “Semitic languages”, em B. COMRIE, *The World’s Major Languages*, Oxford, 1987, p. 654-663.

está dividido em Antigo Babilônico (ca. 2000 – 1500 A.E.C.), Babilônico Médio (aproximadamente 1500 até 1000 A.E.C.) e Babilônico Novo (1000 A.E.C. até o começo da Era Comum). O **assírio** é o dialeto no norte da região e está dividido em Assírio Antigo (2000 – 1500 A.E.C.), com textos de origem capadócia, Assírio Médio (ca. 1500 – 1000 A.E.C.) e Assírio Novo (1000 – 600 A.E.C.), sendo este último período influenciado pelo aramaico na sua fase final.

O Semítico Norte-Occidental é representado por dois grandes grupos, a saber, o ara-maico e o cananeu. O **cananeu** representa manifestações lingüísticas não aramaicas da área sírio-palestina, do final do segundo milênio Antes da Era Comum em diante. As línguas deste grupo são: O **hebraico** com suas diversas épocas: período bíblico, cuja literatura pode ser datada aproximadamente entre 1200 e 200 A.E.C., complementado por número de inscrições; período pós-bíblico, começando com a literatura apócrifa e os recentes documentos descobertos no Mar Morto (séculos I e II A.E.C.) e continuando com os escritos rabínicos dos primeiros séculos da Era Comum (*mishná, toseftá, midrash*); a literatura exegética, a literatura poética e filosófica da Idade Média e a dos tempos modernos. E por fim, o hebraico moderno, hoje falado em Israel⁶. O **fenício** e púnico representados pelas inscrições das antigas cidades fenícias, datadas entre o IX e o I século A.E.C., e pelas inscrições de suas colônias no Mediterrâneo (entre o século IX A.E.C. e o século II da Era Comum). O **moabita** representado pela inscrição do rei Mesha de Moab do século IX A.E.C. O **aramaico** representado por seus diversos períodos, desde o primeiro milênio A.E.C., que sobreviveu em poucos dialetos, até o presente. Podemos distinguir um período antigo e uma subsequente divisão em duas ramificações, Oriental e Occidental. A parte mais antiga deste idioma foi encontrada em inscrições dos reinos arameus. Todas essas inscrições foram descobertas no Norte da Síria (nas proximidades da cidade de Aleppo). Cronologicamente pode-se datá-las entre os séculos X e VII A.E.C. O Aramaico Oficial ou Imperial – é assim chamado por causa da função administrativa que este idioma assumiu no império persa, do século sexto ao quarto A.E.C. O Aramaico Médio é o aramaico do século III A.E.C. até os primeiros séculos da Era Comum. O Aramaico Tardio é usado para textos escritos entre o segundo e o nono século da Era Comum. Da Palestina veio uma forte produção literária do judaísmo, inclusive o Talmude palestino, *midrashim* e diversos *targumim*. Encontramos ainda nessa região escritos cristãos,

6. Mais detalhes sobre a história e a divisão dos períodos do hebraico ver A. SAÉNZ-BADILLOS, *A History of the Hebrew Language*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996; E. Y. KUTSCHER, *A History of the Hebrew Language*, Leiden/Jerusalém, Brill/Magnes Press, 1982; JOEL M. HOFFMAN, *In the Beginning: A Short History of the Hebrew Language*, Nova York, New York University Press, 2004.

possivelmente de judeus convertidos, e samaritanos. Na parte oriental, encontramos ainda os judeus babilônicos com o Talmude de Babilônia, textos em mandeu e siríaco. O Aramaico Moderno é o aramaico falado hoje em diversas cidades próximas de Damasco – entre elas podemos citar a maior: Ma‘lula – como também por alguns cristãos no sudeste da Turquia, presentes em Tur ‘Abdin. O **Aramaico Ocidental** está representado pelo nabateu, língua de uma população árabe que se estabeleceu em Pétreia e floresceu do I século A.E.C. ao século III da Era Comum. Papiros em nabateu foram descobertos no meio dos documentos do Mar Morto e também inscrições em nabateu foram identificadas espalhadas na Grécia e na Itália. É representado também pelo palmireno que é uma língua de uma população de etnia árabe que se estabeleceu na região de Palmira e que floresceu entre o século I A.E.C. e o III da Era Comum. Inscrições em palmireno foram encontradas, longe de seu ambiente habitual, na Inglaterra. Como representante deste grupo há também o aramaico palestinese, falado na Palestina no tempo de Jesus e durante os primeiros séculos da Era Comum. O **Aramaico Oriental** está representado pelo siríaco, originalmente a língua de Edessa, depois desenvolvida por uma riquíssima literatura cristã, indo do século III ao XIII da Era Comum. O aramaico babilônico é a língua dos judeus babilônicos, predominantemente, representada pelo Talmude Babilônico. O mandeu é a língua dos gnósticos que floresceram na Mesopotâmia. Seus escritos cobrem do século III ao VI da Era Comum⁷.

O Semítico Sul-Ocidental, geralmente nas gramáticas e nos livros de lingüística semítica, está dividido em dois grupos: Árabe do Norte e Árabe do Sul com Etíope⁸. Todavia, consideramos aqui o termo árabe como complexo lingüístico que abarca todas as línguas da Península Arábica, com exceção de algumas influências aramaicas, como no nabateu e palmireno, no Extremo Norte. Este grupo, contendo divergências dialetais, pode ser subdividido da seguinte forma: Árabe do Sul Antigo ou Epigráfico e a língua de inscrições das cidades-estados do antigo Sudeste Arábico, compreendendo os seguintes dialetos: sabaueu, minaeu, qatabaniano, ḥaḍrami e awsaian. O Árabe Pré-clássico do Norte é um idioma presente em uma série de inscrições e pode ser datado entre o V século A.E.C. e

7. Para maiores detalhes sobre o aramaico, ver R. GOMES DE ARAÚJO, *Gramática do Aramaico Bíblico*, São Paulo, Targumim, 2005, p. 21-25; F. ROSENTHAL, *A Grammar of Biblical Aramaic*, Wiesbaden, Harrassowitz, 1983, p. 6; E. QIMRON, *'aramit miqra'it*, Jerusalém, Bialik, 2002, p. 1-2; ROCCO A. ERRICO, *Classical Aramaic*, book 1, Smyrna, Noohra, 1992, p. v-vi.

8. Ver S. MOSCATI, *An Introduction to the Comparative Grammar of the Semitic Languages*, Wiesbaden, Harrassowitz, 1969 p.13; C. BROCKELMANN, *Grundriss der vergleichenden Grammatik der semitischen Sprachen*, Berlin, Verlag von Reuther & Reichard, 1908, p. 21-22; PATRICK R. BENNETT, *Comparative Semitic Linguistics*, Winona Lake, Einsenbrauns, 1998, p. 21.

o século IV da Era Comum. Seus dialetos são divididos em *thamūdīc*, *liḥyānite* e *ṣafā'itic*. O **Árabe Clássico do Norte**, o árabe *par excellence*, é atestado já no IV século da Era Comum em poucas inscrições e em diversos dialetos preservados por escritores islâmicos. Alcançou sua plena realização na poesia pré-islâmica árabe e mais tarde no Alcorão (século VII da Era Comum). Os dialetos do Árabe Moderno são numerosos. No Sul existe um grupo separado de línguas que, segundo muitos especialistas, representam a continuação e desenvolvimento do antigo idioma. Entre elas podemos citar *mehri*, *shawri* e *soqōṭri*. Além disso, um grande número de dialetos desenvolvidos do árabe clássico é classificado de acordo com a região onde são falados: Ásia Central, Iraque, Sírio-libanês, Palestino, Egípcio, Norte-africano ou Magrebino⁹.

O **etíope**¹⁰, conhecido também como *ge'ez*, é atestado primeiramente em material epigráfico dos primeiros séculos da Era Comum, e sobretudo, nas grandes inscrições de Aksum do século IV. Mais tarde, desenvolveu uma extensiva literatura, predominantemente religiosa, chegando até os tempos modernos. As modernas línguas semíticas da Etiópia são representadas pelo Tigrínio, Tigré, Amárico, Harari, Gurage, Gafat e Argobba, estas últimas agora em extinção.

A estrutura tradicional, proposta por diversos autores¹¹, e a estrutura moderna podem ser representadas da seguinte forma:

I. Classificação Tradicional

I Semítico Oriental

1. Acádico

1.1. Babilônico

1.2. Assírio

II Semítico Ocidental

1. Semítico Norte-Ocidental

1.1. Aramaico

1.2. Cananeu

1.2.1. Hebraico

1.2.2. Fenício

9. Para mais detalhes ver W. FISCHER e O. JASTROW, *Handbuch der arabischen Dialekte*, Wiesbaden, Harrassowitz, 1980.

10. Ver C. BROCKELMANN, *Grundriss der vergleichenden Grammatik der semitischen Sprachen*, p. 30-33; J. HUEHNERGARD, "Languages (Introductory)", p. 158; H. LEE PERKINS, "Languages (Ethiopic)", em DAVID N. FREEDMAN, *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 4, Nova York/ Toronto, Doubleday, 193-195.

11. Entre eles podemos citar C. BROCKELMANN, *Grundriss der vergleichenden Grammatik der semitischen Sprachen*, Berlin, 1908; S. MOSCATI, *An introduction to the Comparative Grammar of the Semitic languages*, Wiesbaden, 1969; G. BERGSTRÄSSER, *Einführung in die semitischen Sprachen*, Munique, 4ª. ed., 1989 [Tradução inglesa: *Introduction to the Semitic Languages*, Winona Lake, 1983].

- 1.2.3. Moabita
- 2. Semítico Sul-Occidental
 - 2.1. Árabe
 - 2.2. Etíope
- II. Classificação Moderna**¹²
- I Semítico Oriental
 - 1. Acádico
 - 1.1. Babilônico
 - 1.2. Assírio
 - 2. Eblaita
- II Semítico Occidental
 - 1. Semítico Norte-Occidental
 - 1.1. Aramaico
 - 1.1.1. Occidental
 - 1.1.2. Oriental
 - 1.2. Cananeu
 - 1.2.1. Hebraico
 - 1.2.1.1. Bíblico
 - 1.2.1.2. Mishnaico
 - 1.2.1.3. Medieval
 - 1.2.1.4. Samaritano
 - 1.2.1.5. Israelense
 - 1.2.2. Fenício
 - 1.2.2.1. Púnico
 - 1.2.3. Moabita
 - 1.2.4. Edomita
 - 1.2.5. Edonita
 - 1.3. Ugarítico
 - 2. Semítico Sul-Occidental
 - 2.1. Árabe
 - 2.1.1. Árabe Clássico
 - 2.1.2. Árabe Moderno
 - 2.1.3. Dialetos Modernos falados
 - 2.2. Etíope
 - 2.2.1. Norte
 - 2.2.1.1. Ge'ez

12. Classificação segundo R. HETZRON e alterada por John HUENERGARD.

2.2.1.2. Tigrínio

2.2.2. Sul

2.2.2.1. Transversal

2.2.2.1.1. Amárico

2.2.2.1.2. Harari

Línguas Semíticas Ensinadas na USP

Árabe

O idioma árabe, junto com o etíope, faz parte do grupo sul-ocidental das línguas semíticas, como mostramos na classificação acima apresentada. Fonologicamente o árabe é considerado como sendo o idioma semítico que apresenta fonemas próximos do assim chamado Proto-Semítico, contendo 29 fonemas consonantais, incluindo aqui as semivogais, e 6 vocálicos¹³. Para cada fonema há um grafema correspondente. Desta forma, pode-se dizer que a escrita árabe é considerada totalmente fonológica, pois cada grafema representa um fonema.

Assim como várias línguas semíticas, o árabe é escrito da direita para a esquerda, apresentando uma particularidade quanto à escrita, pois desenvolveu uma forma do mesmo grafema consonantal para o início, meio e fim da palavra, ou seja, o grafema apresenta uma forma diversa quando se encontra na posição inicial ou individual, mediana e final.

Morfologicamente o árabe apresenta características que são comuns às línguas semíticas, sobretudo no que se refere ao verbo e ao substantivo. A base para a composição do substantivo ou do verbo geralmente é tríltera. Tomemos como exemplo as consoantes ***ktb*** que constituem a raiz com sentido básico de “escrever”, “escrita” e assim por diante. A presença de afixos nessa raiz determina, de fato, o sentido particular de uma palavra, seja ela um verbo ou um substantivo. Assim teremos:

ktb significa “escrita”, mas não é nenhuma palavra.

kataba significa “ele escreve”

kutiba significa “foi escrito”

kitāb significa “livro”

kutub significa “livros”

kitāba significa “escrevendo”

kātīb significa “escritor”

kuttāb significa “escritores”

13. Para maiores detalhes cf. SAFA ABOU CHAHLA JUBRAN, *Árabe e Português: Fonologia Contrastiva*, São Paulo, Edusp, 2004, p. 18s.

maktab significa “escrivania”

maktaba significa “biblioteca”

maktūb significa “escrito”

Os substantivos são marcados por elementos que determinam sua classificação em determinado ou indeterminado, o caso, o gênero e o número. Quanto ao gênero, os substantivos em árabe têm o masculino e o feminino. Quanto ao número eles podem aparecer no singular, plural e no dual. Com relação ao plural, o árabe, diferentemente de muitas outras línguas semíticas, apresenta dois tipos de formação: um determinado por sufixos e outro conhecido como plural “quebrado”, formado pela mudança vocálica interna na palavra. Para formar o plural com sufixo, a última vogal é alongada e uma vogal paragógica é adicionada para preservar o alongamento (cf. o masculino, nominativo singular: *-un*; nominativo plural: *-ūna*; genitivo singular: *-in*, genitivo plural: *-īna*). O plural “quebrado” é uma forma lexicalizada, como, por exemplo, ***kitāb*** “livro”, no plural temos ***kutub*** “livros”. Esta maneira de formar o plural é, praticamente, uma particularidade das línguas semíticas do grupo sul-ocidental (como o ge’ez).

A língua árabe é ensinada na USP no quadro da graduação, oferecida aos estudantes com cursos semestrais, tendo uma carga horária que varia de sessenta a noventa horas, durante os cinco cursos de língua árabe. E, por último, há um curso de comunicação em árabe moderno, com uma carga horária de 90 horas. Assim, podemos dizer que o curso de árabe oferecido na USP compreende uma carga horária de 450 horas. Nestes cursos os alunos se familiarizam com o árabe clássico, base para o estudo de qualquer variação do árabe coloquial, como também com o árabe padrão moderno. O curso tem o objetivo de oferecer ao aluno um conhecimento técnico do idioma, sem perder de vista a ativação de um árabe fundamental, que permita a comunicação oral através da língua. Procura-se oferecer um curso no qual o árabe padrão é a base, que se acha suficientemente distante do Árabe literário, também conhecido como clássico. No que se refere à morfologia e sintaxe, está suficientemente distante do árabe falado, que, como se sabe, assume características regionais e mesmo dialetos ao longo dos países que constituem o chamado mundo árabe. Inicialmente, os cursos eram oferecidos tanto no período diurno como noturno. Hoje, a grade dos cursos de língua árabe é somente oferecida no período diurno.

Aramaico

O idioma aramaico está presente na USP desde 2002, como já informamos. O Aramaico, erroneamente tido como parte da mesma ramificação do hebraico, é a língua que se desenvolveu na ramificação aramaica das línguas semíticas, da parte

considerada como norte-ocidental. Assim como o hebraico e o árabe, o aramaico é uma língua tida como totalmente fonológica, pois para cada fonema ela apresenta um grafema, seja ele consonantal ou vocálico. Diferentemente do árabe, o qual está bem mais próximo do Proto-Semítico (vide supra), o aramaico reduziu o seu sistema fonológico para 22 fonemas consonânticos e 5 vocálicos, formando assim um sistema fonológico que compreende 27 fonemas¹⁴.

A sua escrita, como na maioria das línguas semíticas, é da direita para a esquerda. O seu alfabeto passou por diversas variações; ocorrendo inicialmente uma adaptação do alfabeto fenício, em seguida foi desenvolvido um alfabeto próprio, que no decorrer do tempo passou a ter diversas formas, como o alfabeto nabateu, palmireno, quadrado e o siríaco.

Morfologicamente a língua aramaica apresenta características que são comuns às línguas semíticas, sobretudo no que se refere à formação do verbo e do substantivo. A base para a composição do substantivo ou do verbo geralmente é formada por três consoantes. Tomemos como exemplo as consoantes *mlk* que constituem a raiz com sentido básico de “reinar”, “reino”, e assim por diante. A presença de afixos nessa raiz determina, de fato, o sentido particular de uma palavra, sendo ela um verbo ou um substantivo. Assim teremos:

mlk significa “reinar”, mas não é nenhuma palavra.

malka' significa “o rei”

malkah significa “rainha”

malku significa “reino”

melek significa “um rei”

melāk significa “reinar”

mālēk significa “reinante”

Diferente do hebraico e do árabe, o aramaico tem também suas particularidades, entre elas, colocar o artigo definido no final da palavra. É esta diferença que, de modo geral, possibilita identificar com rapidez um texto escrito em hebraico antigo e aramaico. Assim como no árabe, encontramos no aramaico três números: o singular, o dual e o plural, o qual só é formado a partir de sufixos.

O ensino do aramaico na USP tem ocorrido na extensão universitária. O idioma tem sido ensinado principalmente na variação bíblica, ou seja, no dialeto do aramaico palestinese que se encontra na Bíblia Hebraica, sobretudo nos livros de Daniel, Esdras, duas palavras em Gênesis e um versículo no livro de Jeremias, por ser uma importante base para o aprendizado posterior do aramaico targúmico

14. Cf. STEPHEN A. KAUFMANN, “Aramaic”, em R. HETZRON, *The Semitic Languages*, Londres/Nova York, Routledge, 1997, p. 114-130, especialmente p. 119s.

e do Talmude. O Aramaico bíblico é oferecido em dois semestres com uma carga horária total de 60 horas, ao longo dos quais se estuda toda a fonologia, morfologia e parte da sintaxe, tendo como texto básico as passagens da Bíblia Hebraica escritas em aramaico.

O aramaico targúmico oferece, depois de um primeiro contato com o aramaico bíblico, um conhecimento gramatical especialmente da tradução aramaica do Pentateuco conhecida como *Targum de Onqelos*. Neste curso, como nos outros de aramaico, o estudante recebe as principais informações da morfologia e sintaxe, para que ele possa ler, entender e traduzir o texto. A duração deste curso geralmente é de um semestre, pois tem como pré-requisito o conhecimento do aramaico bíblico.

A variação talmúdica do aramaico não foi ainda ministrada na USP, mas deve começar a ser em breve, pois assim o aramaico estará sendo estudado de forma completa, sem exceção dessa parte que tem uma produção literária muito grande e importante, como a que se encontra no Talmude Babilônico.

Hebraico

O idioma hebraico pertence ao grupo semítico norte-ocidental, como o aramaico, mas da ramificação cananéia. É essa diferença entre os dois idiomas que, às vezes, não é levada a sério. Enquanto o aramaico se desenvolveu da ramificação araméia, o hebraico, mesmo sendo do mesmo grupo semítico, desenvolveu-se a partir da ramificação cananéia. Este idioma passou por diversas etapas históricas importantes, antes de ser hoje uma das línguas oficiais de Israel. Quanto à sua fonologia, o hebraico de hoje apresenta diferenças com relação ao período chamado de clássico ou bíblico. Nesse estágio da língua, o hebraico apresentava uma variação mais rica no que se refere aos fonemas. A distinção entre a forma de pronunciar seis consoantes variava de acordo com a sua posição na formação da sílaba, isto é, quando havia um som vocálico, por menor que fosse, essas consoantes eram pronunciadas de forma fricativa; no início de palavras ou iniciando uma sílaba eram sempre pronunciadas de forma oclusiva. São as consoantes /b/, /g/, /d/, /k/, /p/ e /t/ e suas correspondentes fricativas e interdentais /v/, /g/, /d/, /k/, /f/ e /t/. Hoje no hebraico, como é falado, essa distinção desapareceu quase que por completo, sendo mantidas apenas as consoantes /b/, /k/ e /p/ e suas correspondentes fricativas /v/, k/ e /f/.

Assim como o árabe e o aramaico, também o hebraico é mais uma língua semítica que se escreve da direita para a esquerda. O alfabeto usado no tempo bíblico era também fonológico, pois para cada fonema havia uma consoante. Hoje, com relação ao hebraico moderno, a situação é diferente, pois temos para o mesmo

fonema dois tipos de grafemas, como por exemplo /v/ que pode ser tanto o fonema do *vav* como o alofone do *beit*, entre outros¹⁵.

Quanto à formação dos substantivos e verbos, o hebraico clássico manteve a mesma tendência das outras línguas semíticas, como o árabe e o aramaico, mantendo o sistema trilítero na formação básica de verbos e substantivos. Todavia, com relação ao moderno, há novas possibilidades de formar substantivos e verbos. Seja por influência de línguas indo-germânicas, como no caso da palavra *'iton* “jornal” de *'et* “tempo” mais sufixo *-on* (compare o alemão, *Zeitung*, “jornal”, do substantivo *Zeit* “tempo” com sufixo *-ung*) etc, seja introduzindo uma nova ordem de formação de verbos com quatro consoantes, como, por exemplo, **t-l-p-n** “telefonar”, etc. Na maioria das vezes, porém, como acontece com as outras línguas semíticas, a base para formação de palavras, substantivos ou verbos, é a raiz formada por três consoantes, como vemos nos exemplos das palavras e verbos formados a partir de **g-d-l** e **s-p-r**:

gd significa “grande”, mas não é nenhuma palavra, apenas uma raiz

gadol significa “grande” e é um adjetivo, na forma masculina

gedolah significa “grande” (adjetivo, forma feminina)

gidde significa “ele fez crescer” (verbo transitivo)

gadal significa “ele cresceu” (verbo intransitivo)

higedil significa “ele amplificou” (verbo transitivo)

magelelet significa “amplificador” (lupa)

spr é a raiz para “contar” ou “recontar”

sefer significa “livro” (contendo contos que são recontados)

sofer significa “escriba” (os escribas massoréticos contavam versos)

misepar significa “número”.

Assim como o árabe e o aramaico, o hebraico tem três números: singular, plural e dual. O plural no hebraico é feito por meio de sufixos, como acontece no aramaico e em parte no árabe. Uma formação do plural na forma “quebrada” como no árabe não ocorre no hebraico.

Na USP o ensino do hebraico é oferecido na graduação, com cursos que cobrem o hebraico moderno, numa duração de seis semestres com uma carga total de 360 horas, possibilitando ao aluno o conhecimento fundamental para o uso do idioma hebraico, falado e escrito. Além disto, é ensinado o período clássico ou bíblico do hebraico, com uma carga horária de 60 horas, o que permite perceber que a morfologia deste período praticamente foi incorporada pelo hebraico moderno.

15. Cf. Z. BEN-HAYYIM, “Hebrew Grammar”, em *Encyclopaedia Judaica*, vol 8, Jerusalém, Keter, 1972, col. 81.

Além da graduação, diversos cursos são oferecidos na pós-graduação, que possibilitam conhecimentos vastos e aprofundados da língua hebraica, tanto em nível de lexicografia quanto de história da língua.

Com estes três idiomas semíticos, a USP praticamente é a primeira universidade brasileira a oferecer no quadro de estudos, em nível de mestrado e doutorado, algumas línguas semíticas como habilitação em Letras, como no caso hebraico e árabe, além de oferecer o aramaico na extensão universitária. A USP é também pioneira em oferecer curso de aramaico no Brasil. Assim as línguas semíticas da família norte-ocidental estão bem representadas no quadro geral dos cursos de Letras da USP o qual pode ser, em breve, expandido com a inclusão do grupo de línguas semíticas da família oriental, a saber, o acádico e seus dialetos assírio e babilônico.

Interessante é notar que estes três idiomas apresentam características comuns, mas, sobretudo, formam uma linha de estudo, em que entre o árabe e o hebraico aparece muito bem o aramaico, servindo de ponte, às vezes, para explicar as diferenças existentes entre as duas línguas, particularmente no que se refere à fonologia e lexicografia semítica. Desta forma, os estudantes, tanto do programa de hebraico como do árabe, têm mais um idioma da família semítica com o qual aprimorar os seus conhecimentos lingüísticos e históricos de seus respectivos programas.

Bibliografia:

- BENNETT, PATRICK, R., *Comparative Semitic Linguistics*, Winona Lake, Eisenbrauns, 1998
- BERGSTRÄSSER, G., *Einführung in die semitischen Sprachen*, Munique, 4ª ed., 1989 [Tradução inglesa: *Introduction to the Semitic Languages*, Winona Lake, 1983]
- BOLOZKY, SH.e COFFIN, E.A., *A Reference Grammar of Modern Hebrew*, Cambridge, Cambridge University Press, 2005
- BROCKELMANN, C., *Grundriss der vergleichenden Grammatik der semitischen Sprachen*, Berlim, Verlag von Reuther & Reichard, 1908
- CHAIM, R., *safot semiot*, Jerusalém, Biliak, 1991
- COHEN, D., Les langues chamito-sémitiques, Pt.III de *Les langues dans le monde ancien et moderne*, Paris, Ed. J. Perrot, 1988
- COHEN, D.e CAQUOT, *Actes du première Congrès international de linguistique sémitique et chamito-sémitique, Paris 16 – 19 juillet de 1969*, The Hague, 1974

- CORRIENTE, F., *Gramática Árabe*, Barcelona, Herder, 2ª ed., 2005
- ERRICO, ROCCO A., *Classical Aramaic*, book 1, Smyrna, Noohra, 1992
- FISCHER, W., *Grammatik des klassischen Arabisch*, Wiesbaden, Harrassowitz, 3a ed. corrigida, 2002
- GLINERT, L., *The Grammar of Modern Hebrew*, Cambridge, Cambridge University Press, 2005
- GOMES DE ARAÚJO, R., *Gramática do Aramaico Bíblico*, São Paulo, Targumim, 2005
- HETZRON, R. “La division des langues sémitiques”, em A. CAQUOT e D. COHEN, *Actes du première Congrès international de linguistique sémitique et chamito-sémitique, Paris 16 – 19 juillet de 1969*, The Hague, 1974
- HETZRON, R., *The Semitic Languages*, Londres, Routledge, 1997
- _____, “Semitic languages”, em B. COMRIE, *The World’s Major Languages*, Oxford, 1987
- HUEHNERGARD, J. “Languages (Introductory)”, em DAVID N. FREEDMAN, *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 4, Nova York/Toronto, Doubleday, 1992
- JUBRAN, S.A.C., *Árabe e Português: Fonologia Contrastiva*, São Paulo, Edusp, 2004
- KUTSCHER, E.Y., *A History of the Hebrew Language*, Leiden/Jerusalém, Brill/Magnes Press, 1982
- LIPINSKI, E., *Semitic Languages. Outline of a Comparative Grammar*, Lovaina, Peeters, 2ª ed., 2001
- MARÇAIS, W., “La diglossie arabe”, *L’enseignement public* 97 (1930) 401-409
- MOSCATI, S., *An Introduction to the Comparative Grammar of the Semitic Languages*, Wiesbaden, Harrassowitz, 1969
- QIMRON, E., *’aramit miqra’it*, Jerusalém, Bialik, 2002
- ROSENTHAL, F., *A Grammar of Biblical Aramaic*, Wiesbaden, Harrassowitz, 1983
- SAÉNZ-BADILLOS, A., *A History of the Hebrew Language*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996
- WRIGHT, W., *Lectures on the Comparative Grammar of the Semitic Languages*, Piscataway, Gorgias Press, 2002